

## **As práticas da edição e a Revolução Russa: as representações da URSS nas páginas da revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* 1935-1939**

COSTA, Alexandre Andrade da<sup>1</sup>

**Resumo:** O intuito deste artigo é estudar as representações da URSS por meio da revista *Inteligência: mensário da opinião mundial*, fundada por Mário Graciotti, em 1935, na cidade de São Paulo. A revista *Inteligência* constitui-se em relevante fonte para pesquisa, uma vez que trazia textos e caricaturas sobre a situação internacional, selecionados, (re)organizados e traduzidos por intelectuais que gravitavam no campo ideológico da direita. Pretende-se analisar, a partir de suas páginas, de que maneira os responsáveis pela publicação representaram os distintos contextos político-ideológicos que se confrontavam com a finalidade de atuar, modificar ou justificar posições políticas internas sem perder de vista que os textos publicados resultavam de escolhas que não podem ser separadas da visão de mundo dos seus idealizadores.

**Palavras-chave:** Revolução Russa; imprensa; stalinismo.

### **The practices of the edition and the Russian Revolution: the representations of the USSR in the pages of the magazine *Inteligência: mensário da opinião mundial* 1935-1939**

**Abstract:** The purpose of this article is to study the representations of the USSR through the magazine *Inteligência: mensário da opinião mundial*, founded by Mário Graciotti in 1935, in the city of São Paulo. This magazine is a relevant source for research, since it brought texts and cartoons about the international situation, selected, (re) organized and translated by intellectuals who gravitated in the ideological field of the right. It is intended to analyze, from its pages, the way in which those responsible for the publication represented the different political-ideological contexts that were confronted with the purpose of acting, modifying or justifying internal political positions without losing sight of the fact that the published texts resulted from choices that can not be separated from the view of the world of its idealizers.

**Keywords:** Russian Revolution; press; stalinism.

## **A REVISTA E SEU IDEALIZADOR**

*Inteligência: mensário da opinião mundial* nasceu de uma proposta feita por Mario Graciotti a Samuel Ribeiro em São Paulo, em 1934 e constituiu-se numa revista sem similar no cenário do impresso periódico no Brasil. Estes homens, cujas trajetórias cruzavam o universo dos negócios e dos periódicos uniram-se no intuito

---

<sup>1</sup> Professor universitário da Fundação Educacional de Fernandópolis e Doutor em História pela Unesp-Assis (2014). E-mail: lexunesp@gmail.com

de lançar no mercado de bens culturais e simbólicos brasileiros um produto que conheceu longa existência.

Samuel era engenheiro civil, formado pela Escola Politécnica de São Paulo, e foi presidente da Caixa Econômica Federal, entre 27 de junho de 1931 e 15 de abril de 1946. Durante sua gestão, foi construído e inaugurado, no dia 29 de agosto de 1939, o imponente prédio da paulista à Praça da Sé.

Vale destacar que Ribeiro e Graciotti ocuparam cargos no governo paulista à época do movimento de 1930. O primeiro foi tesoureiro da Comissão de Assistência Social do Estado, da qual o segundo era diretor. Além disso, durante o Estado Novo, Samuel Ribeiro intermediou a tentativa de compra, por parte do regime estadonovista, do jornal *O Estado de S. Paulo*, quando seu proprietário, Júlio de Mesquita Filho, encontrava-se no exílio, pela segunda vez.

Mario Graciotti nasceu em São Paulo, em 1902, na Rua Itaboca, no bairro do Bom Retiro, filho do Sr. José Graciotti, marceneiro, e de D. Ada Graciotti. Neto de italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX, afirmou “que sua infância foi diferente da de muitas crianças da época, porque teve acesso a livros, ou melhor, além da possibilidade de ler bons autores, também se interessava por literatura.” Era formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O periódico fundado por ele inspirou-se na revista francesa *Le Mois: synthèse de l'activité mondiale*, publicação com mais de trezentas páginas e que circulava desde 1931 sob a responsabilidade da editora *Maulde et Renou*. Émile Maulde era proprietário de uma *Imprimerie* que funcionava em Paris desde 1836. A *Imprimerie Maulde et Renou* publicou teses de cursos prestigiados, como Direito e Medicina e localizava-se em uma das regiões mais nobres de Paris.

Em *Inteligência*, a maior parte da capa era ocupada pelo índice, ou seja, expunha-se ao leitor o conteúdo, atitude que pode ser compreendida como uma estratégia para atrair o possível comprador, seduzido pela temática instigante e diversificada.

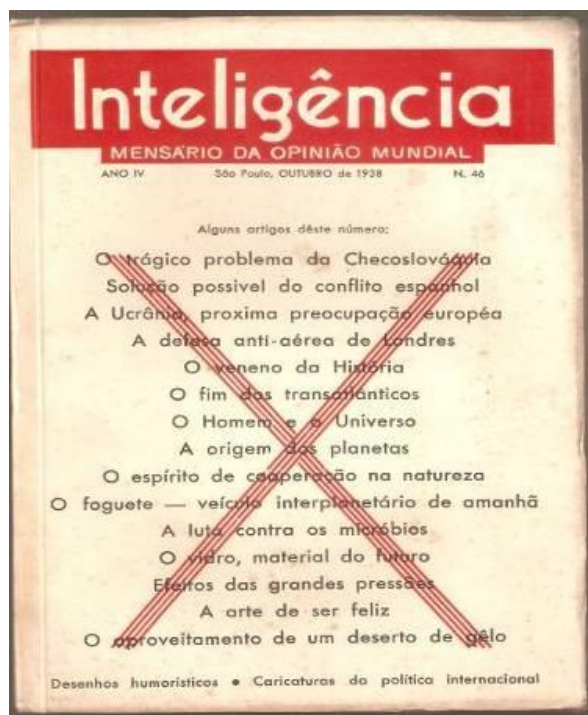


Figura I: Ano IV.

Nota-se que os redatores se preocuparam em abarcar todos os ramos do conhecimento: da arte à política, da ciência ao cinema, o que garantia um conteúdo diversificado, que aumentava a chance de atrair diversos leitores, e transmitia a ideia enciclopédica que o idealizador pretendia a um preço acessível, garantido pela amizade entre Mário Gracioti e Nelson Palma Travassos, da Editora Revista dos Tribunais.

Os temas relacionavam-se com a tônica da época: a crítica à Sociedade das Nações, o clima tenso na Europa, o rearmamento alemão e as conseqüentes reações franco-britânicas. A Rússia figurava como grande incógnita e objeto de pesadas críticas tanto em textos quanto nas caricaturas da política internacional.

O comunismo foi combatido de várias maneiras e recorrendo-se aos autores mais variados do campo político internacional. A ideologia comunista foi criticada não somente pelos seus inimigos históricos – liberais, cristãos e nazi-fascistas - mas também por personalidades que tiveram efetivo destaque nas revoluções de 1917.

As temáticas apresentavam um conjunto de características que pretendiam consolidar a ideia de que o comunismo era uma ameaça nefasta e letal que comprometia o Brasil e todo o Ocidente.

Para tanto, mobilizou-se as representações da URSS e de seu regime de violência e perseguição e de Josef Stalin, responsável por conduzir políticas de assassinio em massa e de condenar antigos camaradas.

Além disso, os textos selecionados trouxeram também exemplos concretos da vida na URSS como casos de miséria, da leitura, da construção de novas mitologias políticas por meio da imprensa e do ambiente na Universidade.

A estratégia utilizada em *Inteligência* era reunir o maior número de textos combativos possíveis, independentemente das fontes nas quais eles foram originalmente publicados.

Tal prática nivelava autores de diferentes concepções políticas além de submeter ao mesmo patamar personalidades cuja história se confundia com a da própria revolução russa, tais como Trotsky e Kerensky, o primeiro, um dos líderes, ao lado de Lênin, do movimento vitorioso, e o segundo, o derrotado.

Dessa forma, parecia que todos condenavam o movimento soviético, o que apagava as diferenças de opiniões entre os autores transformando-os num coro uníssono contra a URSS e seu líder a despeito de seus lugares no território político além de conferir um caráter de verdade às críticas proferidas.

No Brasil, uma revista de tal gênero, articulava-se às preocupações da direita que lutava exatamente contra liberais e comunistas pela conquista do poder. Assim, publicar textos que vergastavam a imagem do comunismo internacional a partir de visões de ex-integrantes e inimigos do regime servia de mote para combater os caudatários de tal visão de mundo dentro do país.

Vale destacar que a imagem da URSS e de suas lideranças permaneceu imutável ao longo destes primeiros quatro anos da publicação como um discurso recorrente que versava sobre a violência, o terror, a injustiça e demais mazelas.

Em um dos artigos, que comentava o problema político naquele país, por exemplo, destacou-se a violência:

(...) Pelo que diz respeito à revolução das forças criadoras da nação russa, a linha política de Stalin, afastava-se cada vez mais da teoria; *sua política perdia o caráter partidário e adquiria o cunho de grande estadismo e de potencia mundial, apesar da brutalidade dos meios e da falta de escrúpulos éticos.* (...) *Agora, a lição do plano quinquenal é clara para todos. O 'construtivismo triunfa e o kulak (camponês-proprietário) está aniquilado.* Verifica-se, porém, que a teoria esquerdista está em conflito não com o kulak simbólico ou imaginário, mas sim com a própria vida. Faltou pouco para que a teoria esquerdista quebrasse o construtivismo. *Desde 1931 a linha de Stalin afasta-se sempre cada vez mais da teoria comunista.* (...) A agitação que domina agora a Rússia inteira não

representa segredo para os estrangeiros e o *prestígio da autoridade de Stalin* *acha-se grandemente prejudicado*. (SKRYLNYKOFF, 1985, p. 23-25)

O excerto denota que para atingir as metas do plano quinquenal o líder comunista não se ateve a princípios éticos nem se preocupou com a brutalidade que algumas ordens representavam.

Ao traçar os rumos que a economia planificada deveria seguir, de acordo com o autor, Stalin havia se afastado da teoria, o que comprometia seu prestígio no cenário internacional.

Comum também neste momento em que fervilhou a política no cenário inter(nacional) o mensário publicou um texto no qual Josef Stalin apareceu como líder supremo e realizador das maiores conquistas russas.

Tal literatura, consubstanciada em diários de viagem de intelectuais franceses à URSS publicados posteriormente em formatos de livros chegou ao Brasil. Em parte destes livros, a União Soviética parecia uma nação justa na qual era possível viver sem constrangimentos e se beneficiar do clima de igualdade que prevalecia.

A violência, todavia, atingia todos os níveis da sociedade soviética chegando, inclusive, aos camaradas mais próximos de Stalin. Nas páginas da revista, o leitor encontrava as denúncias dos processos de Moscou, contra ex-dirigentes do Partido, que chocou o mundo, em virtude da transparente falsidade das acusações.

Em setembro de 1935, um dos comentaristas internacionais assinalava que

(...) a súbita dissolução da Associação dos Antigos Bolchevistas por decreto da Comissão Central Executiva do Partido Comunista, de 26 de maio, é outro indicio da resolução de Stalin de se libertar das tradições revolucionárias do comunismo. (...) *Um a um, os seus membros mais eminentes, tais como Trotsky, Kamenev, Zinoviev, Rykov e Tomsky, foram vítimas de Stalin, que decidiu remover toda oposição à sua vontade*. (FURNISS, 1935, p. 31-34)

O autor deixou claro que as ordens de Stalin deveriam ser cumpridas a qualquer preço. Os antigos camaradas que participaram da Revolução de 1917 deveriam ser eliminados mesmo *in absentia*, como foi o caso de L. Trotsky, condenado à morte.

Tais julgamentos - ou espetáculos públicos - não passaram incólumes pelos holofotes da mídia internacional nem tampouco pelos redatores do mensário

paulistano, que publicou sobre este assunto artigos que denotavam como Stalin tentava reescrever a história da Revolução Russa e erigir uma nova, sob cadáveres.

A participação da URSS nos assuntos internacionais também foi tratada com especial atenção pela redação do mensário. Os anos 1930 marcam o início de uma polarização entre os movimentos de direita e de esquerda e, como tal polarização possuía suas ressonâncias no Brasil, era de grande interesse acompanhá-la de perto. Para tanto, foram analisados os pactos que foram assinados entre as potências europeias e a URSS no contexto do fortalecimento dos países totalitários da direita, Alemanha e Itália.

A entrada da URSS na Sociedade das Nações não foi pacífica. Ainda que a instituição genebrina estivesse com o seu prestígio mais que abalado devido às guerras coloniais levadas a cabo por Mussolini na África e pela denúncia dos pactos pós-1919 pela Alemanha de Hitler, os acontecimentos a ela relacionados calavam fundo na mídia impressa de todo o mundo.

No Brasil, a situação não era distinta. Apesar de não fazer parte da Liga, os intelectuais brasileiros ligados às doutrinas ideológicas da direita condenaram abertamente o fato por meio de artigos publicados na imprensa paulista.

Todavia, em virtude dos problemas da conjuntura externa, as nações que compunham o bloco democrático viram-se obrigadas a aproximar-se da URSS para tentar conter a expansão germânica, num primeiro momento.

A França foi a primeira a firmar com os soviéticos um Pacto que pretendia selar a Alemanha: por meio dele, os alemães reviveriam seu pior drama militar caso declarassem guerra aos franceses, uma guerra em duas frentes, pesadelo dos militares e estrategistas.

A aliança franco-soviética não foi bem recebida nem mesmo na França onde recebeu críticas de vários órgãos da imprensa.

Em janeiro de 1936, ao estudar tal aproximação, Alexander Kerensky, protagonista e vítima das revoluções de 1917, sentenciou:

(...) agora, que a democracia européia foi ao extremo oposto e apenas parece prestar atenção às 'brilhantes realizações' da URSS, agora que ela quer elevar seus líderes da ditadura bolchevista à categoria de 'defensores da democracia' encontro-me de novo na primeira trincheira. O movimento histórico, que a Europa está vivendo, é demasiado grave para que alguém possa viver num mundo de ilusões. (...) E não obstante, muitos democráticos e liberais da Europa se iludem com respeito ao futuro, e começam a encarar a ditadura de Moscou como uma 'nova democracia socialista'. (...) Sinto-me preocupado porque a democracia do Ocidente, procurando a amizade com os bolchevistas numa

época em que a situação deles é muito crítica, coloca sua autoridade moral no mesmo plano da ditadura. (...) 'Não é possível compromisso com quem está tentando aniquilar o espírito. Onde não há liberdade espiritual, não se podem criar obras literárias. A mentira e o desprezo do espírito conduzem à esterilidade'. Tais foram as palavras de Heinrich Mann, há pouco fugido da Alemanha, no Congresso de Paris para a Proteção à Cultura, recentemente realizado. Neste congresso, convocado para cuidar de proteger as conquistas da inteligência contra os golpes do fascismo e do hitlerismo, as palmas mais calorosas foram recebidas pela delegação de escritores soviéticos, isto é, escritores pertencentes a um país de onde desapareceu completamente a liberdade de pensamento e onde não existe um indício sequer de imprensa independente. (...) É o perigo da guerra e do hitlerismo, o receio muito compreensível de um fracasso que está ditando ao Kremlin a sua nova política internacional 'humanitária e democrática'. (...) que resultados, práticos ou morais, podem esperar-se de uma luta pela liberdade e pela justiça social, se essa luta é feita em colaboração com um governo que está negando e destruindo, em seus próprios domínios, essas conquistas da cultura? (...) Conhece-se, no Ocidente, o verdadeiro humanitarismo de Stalin, que agora vem em auxílio na luta contra os princípios anti-humanos de Hitler e do fascismo? Estou convencido que não... (KERENSKY, 1936, p. 45-46)

O artigo de Alexander Kerensky possuía teor quase panfletário. O autor preocupou-se com a evolução dos problemas europeus e, mais especificamente, com a condução deles pelas potências ocidentais.

Para auxiliá-los no combate contra Hitler que assomava no horizonte como ameaça os franco-britânicos buscavam o auxílio de Stalin, cuja biografia Kerensky definiu como desconhecida pelos líderes ocidentais.

A citação do Congresso de Paris para a proteção da Cultura foi muito importante porque revelou que os soviéticos promoveram na Europa uma série de atividades culturais contra os fascismos. A ideia era contra-atacar o campo nazi-fascista impingindo neste o epíteto de bárbaro.

Também nesse campo a dura crítica de Alexander Kerensky se fez presente. Para ele, as palmas lá recebidas e ofertadas serviam ao propósito de esconder que na URSS não havia nem liberdade de imprensa nem de pensamento.

Assim como na Alemanha toda esta estrutura estava sob a chefia do Estado, primeiro censor. Ao sugerir que as nações que compunham o campo democrático desconheciam o "verdadeiro humanitarismo de Stalin" o autor demonstrava sua estupefação diante da aliança que se procurava firmar uma vez que o ditador soviético cometera tantos crimes quanto Adolf Hitler, a quem propunha ajudar a destruir.

Fiel à estratégia gráfica e editorial que norteava os métodos de seleção das imagens e das notícias, Mário Graciotti e seus colaboradores propagaram

caricaturas que reforçavam o viés negativo associado ao movimento comunista. Como exemplo, pode-se citar a composição elaborada para o volume 33, de setembro de 1937 em que foi articulada uma imagem extraída de uma fonte italiana (crítica ao movimento soviético) e um artigo de Alexander Kerensky (protagonista e vítima da Revolução de 1917).

Naquela oportunidade, o autor elaborou uma definição que pretendia abarcar o sentido e o conteúdo do movimento liderado por Stalin:

(...) *O stalinismo é uma formidável máquina ditatorial, um sistema político, que se foi esvaziando gradualmente de todo o seu antigo sentido ideológico. O stalinismo significa, praticamente, a destruição do leninismo, nas mãos do seu sucessor direto*. (...) *“Poucos meses atrás poder-se-ia falar da ‘fascistização do bolchevismo’; hoje, será mais acertado denominar este processo ‘militarização do bolchevismo’*. (...) Eis a razão pela qual o destino do stalinismo, e do próprio Stalin, está fadado a ser trágico. Entre dois sistemas – ditadura e democracia – que ele inultamente procura combinar, um ditador sempre prefere o primeiro. (KERENSKY, 1937, p. 33-36)



*Inteligência*, Ano III, nº 33, p.32-33, Set. 1937.

O artigo havia sido originalmente publicado na *World Review*, uma publicação que tinha um escopo semelhante ao de *Inteligência* e *Seleções* pois passava em revista as principais temáticas da contemporaneidade.

Ao trazer ao público selecionado a partir da fonte londrina o processo de edição elaborado por Mario Graciotti fazia um duplo deslocamento: o texto de

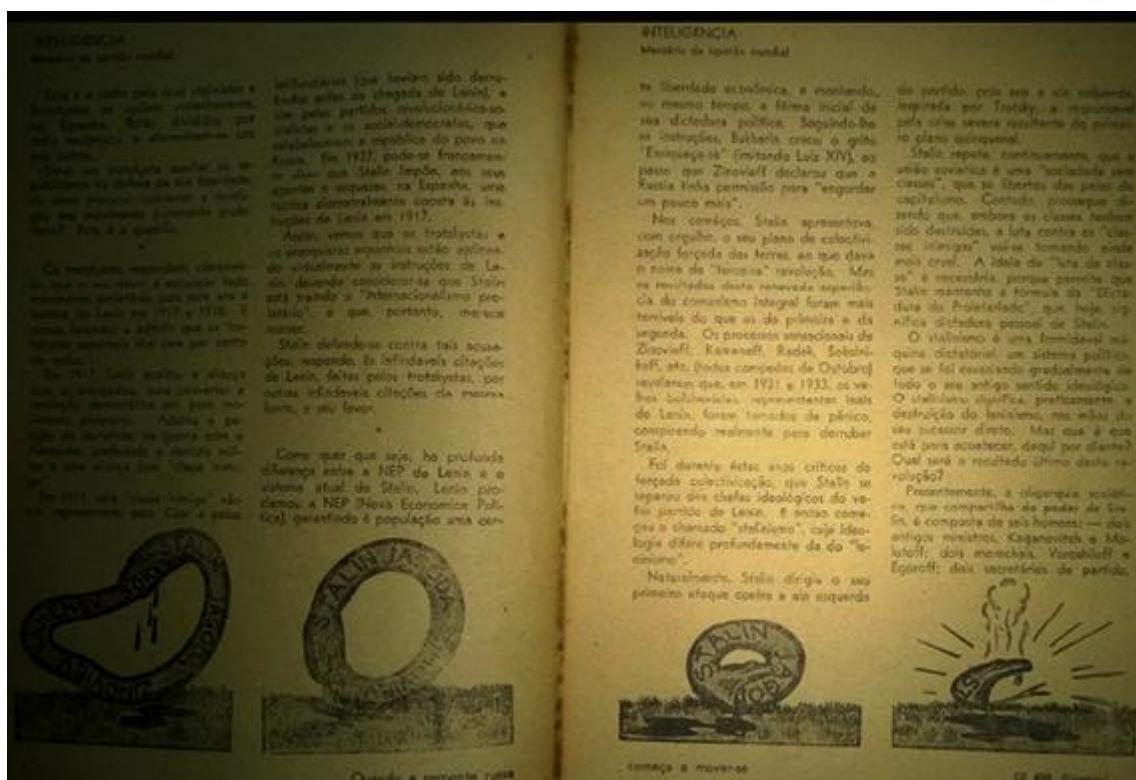


Kerensky, editado em outro periódico chegava ao intelectual paulistano via *World Review* e, então, era traduzido e republicado no mensário da opinião mundial.

Não obstante essa circularidade, o conteúdo sofria nova intervenção: a inserção de uma caricatura que fazia às vezes de síntese da temática discutida pelo artigo. A movimentação da serpente em torno de si resultava na eliminação, sangrenta, dos principais responsáveis pela montagem da estrutura soviética ao longo do tempo em alusão aos julgamentos de Moscou.

Stalin, chefe supremo que restava, era retratado próximo de se devorar, reflexo último da dialética por ele erigida. Nesse caso, imagem e texto dialogavam no intuito de demonstrar ao leitor que o destino do Stalinismo era a autodestruição e suas ressonâncias para além da URSS eram também indesejadas, pois traziam consigo os germes do mesmo problema.

A revista acompanhou o processo de enrijecimento do sistema soviético e viu surgir uma nova URSS, aterrorizada pelo GPU, pelo NKVD e pelo Gulag. O Gulag (Glavnoe Upravlenie Lagerei), ou Diretoria Geral dos Campos, era o sistema de campos de concentração criados na URSS para punir os críticos e inimigos do regime. De acordo com Moshe Lewin, em 1935, o ainda jovem sistema, possuía quase um milhão de prisioneiros (LEWIN, 2007, p. 149-150).



*Quando a serpente russa começa a mover-se, Inteligência, Ano III, nº 33, p.34-35, Set. 1937.*

O artigo elogioso, exceção no que se referiu a uma avaliação positiva do comunismo, ganhava vezes de contrapropaganda enquanto o autor do relato, por sua vez, provava a que níveis chegava um intelectual cooptado pelo regime stalinista. Publicado no mesmo mês em que se denunciava o aniquilamento dos Kulaks, o texto analisava o líder soviético, Josef Stalin, que foi assim retratado por Henri Barbusse:

(...) esses transbordamentos pensantes que duram horas e o entusiasmo que se repercute na multidão comprimida nas paralelas das tribunas ao longo do muro dentelado do Kremlin, levantam trovoes de clamores, que tem um centro. Esse clamor toma forma humana: 'Stalin! Viva o camarada Stalin!' entre os que estão de pé, sobre o monumento a Lenine, há um que leva a mão à pala do boné ou levanta o braço dobrado em ângulo reto, a mão aberta, batente. Veste um grande manto militar, mas não é isso que o distingue dos outros que se encontram a seu lado. *Ele é o centro, é ele o coração de tudo quanto irradia no mapa-múndi, à volta de Moscou. O seu retrato – escultura, desenho, fotografia – encontra-se, por toda a parte, no continente soviético, como o de Lenine e ao lado do de Lenine. Não existe canto de empresa, caserna, escritório, vitrina de loja em que ele não apareça em fundo vermelho, entre um quadro de pitorescas estatísticas socialistas (ícone anti-religioso) e a foice entrelaçada com o martelo. Ultimamente colou-se por toda a parte, nos muros da Rússia e das Repúblicas, um cartaz que representa, em grandes dimensões, os perfis sobrepostos de dois mortos e um vivo: Karl Marx, Lenine, Stalin. E multipliquemos ainda por mil: não existem muitos quartos de operários e intelectuais em que não figure Stalin. (...)* Ele erige-se, em toda a altura, sobre a Europa e sobre a Ásia, sobre hoje e sobre amanhã. É o homem mais visível do mundo e, entretanto, um dos menos conhecidos. (BARBUSSE, 1935, p. 20-22)

O tom laudatório do texto revela o entusiasmo de Henri Barbusse pelo regime soviético e seu líder. Apesar de afirmar que ele era um dos líderes menos conhecidos esse detalhe soçobrava diante do quadro que ele descreveu.

Cartazes em todos os lugares, as efígies de Karl Marx, Lênin e a de Stalin justapostas, o quarto do operário – o privado – conquistado pelo grande camarada. Pode-se inferir, por meio do texto, que se encontra diante de uma cena que trazia indícios da construção do culto ao líder na União Soviética.

Todavia, nos primeiros anos analisados, tal teor foi utilizado não para se contrapor aos demais textos, mas, sim, para complementá-los, prevalecendo os ataques e as comparações sempre favoráveis aos regimes ocidentais sejam eles fascistas ou democráticos.

Além disso, quando cotejados com as caricaturas da política internacional, como a última reproduzida acima, tais textos mudam de significado.

Uma vez que Stalin estaria presente em todos os lugares, em todos os recantos do país, como sugeria o texto de Barbusse, a figura do líder assumia menos um tom laudatório do que ameaçador. A serpente multiplicava-se e, onipresente, a todos vigiava e punia.

Na esfera internacional, os responsáveis pela publicação adotaram a estratégia de imputar à atuação da URSS uma indefinição que se atribuía a seu maquiavelismo e oportunismo ao tratar com as demais nações.

A imagem abaixo foi alocada em meio à entrevista de Mussolini, publicada no exemplar do mês de novembro de 1935. Enquanto no texto o leitor encontrava no chefe de governo italiano um homem resolutivo, articulado e movido por princípios claros e definidos, a caricatura do Comissário para Assuntos Estrangeiros conferia outras conotações ao representante da URSS que questionava um colega sobre que alternativa seguir em seu discurso perante a Sociedade das Nações, a guerra ou a paz?

**INTELIGÊNCIA**  
Mensário da opinião mundial

4.º — Chamo muito particularmente a atenção dos franceses para este ponto: a Gran-Bretanha desagrada que a França e a Itália, durante tanto tempo em oposição, quasi rivais, no Mediterrâneo, depois de haverem regulado as suas questões, se tenham posto de acordo no que respeita à Abissínia, sendo-nos favoráveis o governo francês e a opinião pública na sua grande massa. Se a Itália — ao que estamos bem resolvidos — se tornar uma potência preponderante na Etiópia, este acontecimento terá-se dado com o consentimento da França. Ora, a Inglaterra não está contente, muito ao contrário, com isso tudo. Desde que se trata de colónias ou de marinha, ela e mais ninguém deverá dar o seu consentimento".

Repto-as, sem endossá-las, estas declarações de um homem de Estado italiano, porque elas me parecem representar o estado de espírito de Mussolini e do seu povo.

Mussolini está disposto — foi ele quem o declarou mais de uma vez — a salvar os interesses particulares da Inglaterra, na Etiópia. E respeitará da mesma forma os da França.

Ele manifestou-me o seu desejo de que as suas relações com o governo britânico voltassem a ser, o mais depressa, tão cordiais e calorosas, como o foram tanto tempo.

— No que respeita à Sociedade das Nações — disse-me — ficarei em Genebra até ao dia em que me tratarem de tal maneira que a minha partida se torne inevitável.

— Falam constantemente — disse-me ele ainda — de nossas tropas, nutca das do adversário contra o qual tentamos combater. Ora, se eu tenho 200.000 homens n'esse país (dentro em pouco farei mais de 300.000 se fôr necessário), dos quais tres quartas partes italianos e um quarto indígenas, a Etiópia também tem soldados, fanáticos, convencidos da sua superioridade militar, até que lhe administremos a prova do contrário.

Para todos aqueles que nos criticam, os italianos são lobos; os etíopes cordeiros. Entretanto esses cordeiros possuem bons dentes!

Se se produzem incidentes, os etíopes são perfeitamente capazes de provôc-los, sobretudo quando se sabe que a disciplina e a submissão não são as suas qualidades dominantes.

Mas a questão de todas a mais importante é esta: o governo italiano está decidido a regular, sem intermediários, por suas próprias forças, o seu conflito com a Etiópia? Depois da minha entrevista com Mussolini, devo dizer, em toda a sinceridade, que tal resolução não constitui para mim a menor dúvida. Nada me parece capaz de impedir a Itália de agir por si mesma. Quanto mais todos se convencerem desta verdade melhor será: poupar-se-ão esforços inúteis, decepções e malentendidos.

Poderia a S. D. N. encarregar a Itália de um mandato que lhe permitisse agir por si mesma, mas com uma certa aparência internacional? Aceitaria a Itália, por seu lado, sugerir-se a essa aparência?

Esta solução não me parece realizável, por se haver perdido demasiado tempo até agora. Concessões que teriam parecido aceitáveis a Mussolini, faz alguns meses, parecem-lhe hoje insuficientes. Não se proporcionem já aos seus esforços, aos seus sacrifícios, nem tão pouco às suas despesas.

Mussolini chamou-me a atenção para a questão das custas, para o conta e pagar, capital para um país de recursos mínguedos como o seu. Centenas de milhões, talvez bilhões, se gastaram já ou deverão gastar-se. Mussolini não quer que essas despesas sejam improdúctivas.

Fiz e Mussolini esta pergunta: No caso dos italianos alcançarem um êxito decisivo sobre os abissínicos — o que parece verosímil — consentiria a Itália em negociar imediatamente com os países mais interessados, a Inglaterra e a França, em discutir com elas o futuro estatuto político da Etiópia?


Pareceu-me que Mussolini estaria disposto a essas negociações, o que seria, até certo ponto, de natureza a fazer cair algumas das resistências britânicas. Haveria nisso uma porta de saída que importa manter aberta.

A Itália não tem o desejo, nem os meios de manter uma longa campanha, que seria forçosamente muito dispendiosa. Os seus recursos são limitados. Sem grande sacrifício ela poderá, graças a um engenhoso sistema de crédito, pagar aquilo que compra no seu próprio solo. Além disso, é muito económica. Mas, é preciso adquirir fóra o que falta para a expedição e que será preciso pagar com a sua reserva de ouro, que se tornou muito exigua: cinco milhões de liras, ou seja mais ou menos um 15.º do que possui a França. Uma vez dissipada esta reserva, não restaria à Itália mais coisa alguma, nem para saldar as suas compras no exterior, nem para garantir a sua moeda.

Que Mussolini, em tais condições, se mostre preocupado, nada mais natural.

Desde que esteja completa a primeira fase das operações, será possível obter que Mussolini consinta em negociar com a Inglaterra e a França. Se, pelo contrário, a Inglaterra tentasse, desde o começo, opôr-se resolutamente aos projectos italianos, então as piores complicações, as piores catástrofes seriam para temer.

A Inglaterra que nada fez e nada disse quando o Japão se apoderou da



**LITVINOFF EM GENEBRA**  
— Que discurso será dissimulável. Pela guerra ou pela paz? (Kladderadetsch, Berlin).

*Inteligência*, Ano I, nº 11, p. 28-29, Nov. 1935.

Ao longo do período compreendido entre 1935 e 1938, os responsáveis pela publicação procuraram, na mídia impressa internacional, textos que colocassem a URSS stalinista e a Alemanha nazista em perspectiva comparada.

Tal estratégia visava vinculá-las a um projeto comum, qual seja, o da desestabilização e da ameaça de uma nova guerra, contra as potências ocidentais. Vale destacar que estas aproximações ocorreram muito antes do pacto de não-agressão, assinado entre o ministro das relações exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop e o Comissário do Povo para assuntos estrangeiros, Viacheslav Molotov, em agosto de 1939.

Em um dos artigos, traduzidos a partir de um editorial do jornal *The Times* tal comparação foi assim apresentada:

Quase todas as leis, ultimamente promulgadas na Rússia e na Alemanha, tendem a dar aos dois países um caráter comum. (...) A contribuição da Alemanha consiste sobretudo na diminuição crescente da liberdade individual, na substituição da opinião pela propaganda, na subserviência da justiça às necessidades do Estado, e na organização de grande parte da industria e obras publicas numa base militar. (...) Em ambos os países a propaganda e a política secreta, quer seja a G. P. U, quer seja a Gestapo, impedem que haja qualquer discussão publica herética, e um partido de oposição. (...) na Rússia: 'A ninguém é licito contestar Stalin', e 'toda a obra fundamental se executa conforme as instruções de Stalin e a sua direção', declarou Kiroff. (...) *Num e noutro pais, certas pessoas tem sido objetos de perseguições e tem encontrado uma sorte triste idêntica, quer o campo de concentração ('Konzentrationslager') quer a Dachau ou Solovetzlck'. 'Para alguns a escola há sido severa', disse Krassin, em Gorki. 'Os campos' (de concentração) disse Goering em Berlim, 'não são sanatórios'. (...) Os alemães costumavam ter um sábio e altivo provérbio: 'O que um homem diz é apenas a metade'. Agora, a palavra dum homem regula o destino de uma nação'. Tu, nosso guia, deste-nos o pão de cada dia', disse o dr. Goebbels. 'Tudo vem de Stalin', repetiu Molotov como um eco. Mais e mais evidentemente se vê não ser a alternativa entre o bolchevismo ou o fascismo, mas entre qualquer forma de ditadura e democracia<sup>2</sup>.*

O editorial do jornal britânico apresentou ao leitor uma comparação entre as duas ditaduras, uma da direita e outra da esquerda. Por meio dela, pode-se constatar que ambas apostaram em um sofisticado sistema de vigilância, de punição, de censura e de controle.

As assertivas elaboradas por Goebbels e por Molotov revelavam o traço do culto à personalidade do líder que a todos protege e provê. O texto era, na verdade, uma defesa da forma democrática de governar pois, em sua conclusão, o editorialista reafirmava que a Europa não precisava escolher entre nazismo e comunismo.

Este era o grande debate do período, pois as nações, comprimidas entre as duas potências, viam-se pressionadas a escolher um dos lados. Além disso, como a década de 1930 foi de críticas severas ao liberalismo e à democracia, ambos os

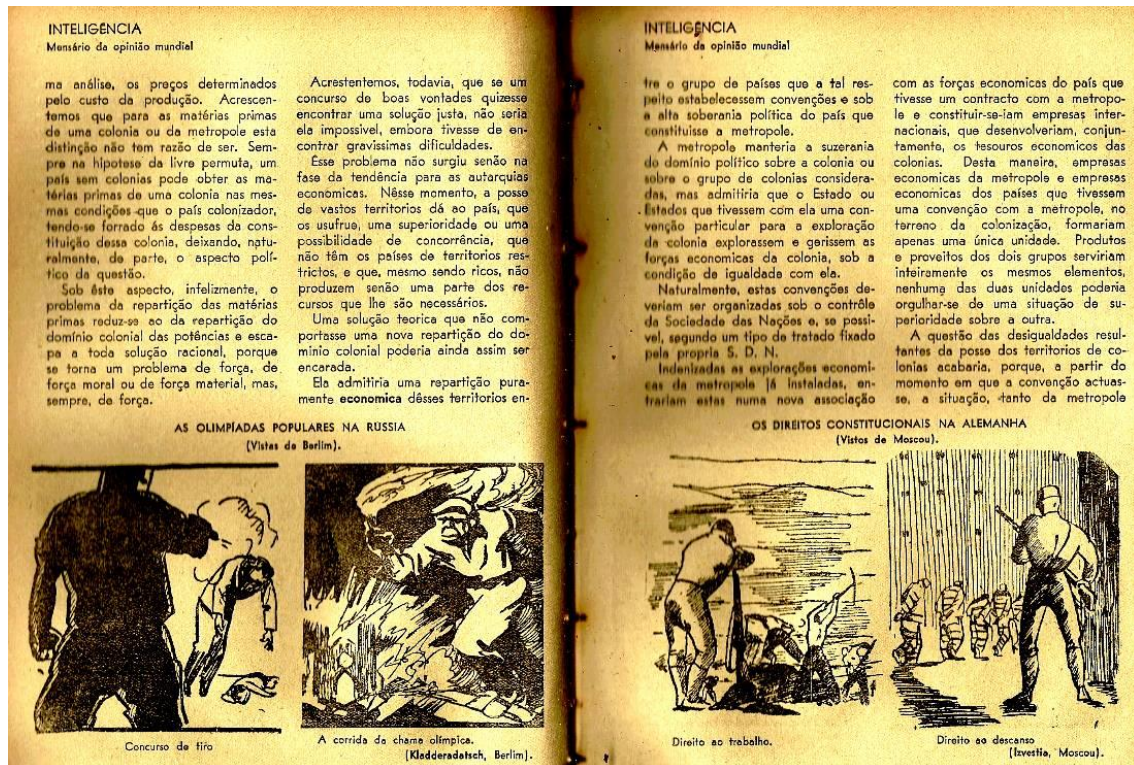
---

<sup>2</sup> Analogias entre o nazismo e o comunismo, *Inteligência*, Ano I, nº 10, p. 37-39, out. 1935.

regimes apareciam como alternativa para a crise. *Inteligência*, simpática ao fascismo, difundiu caricaturas que sintetizavam esse debate.

Uma delas era fruto da montagem elaborada pelos responsáveis pela edição do periódico que colaram duas imagens criando um panorama da situação naqueles regimes. Na primeira, retirada de *Kladderadatsch* (As Olimpíadas populares na Rússia) que tinha como temática a URSS, e a segunda, uma caricatura originalmente publicada pela imprensa soviética *Izvestia* (Os direitos constitucionais na Alemanha) que tratava da Alemanha.

Ao uni-las, os intelectuais que selecionavam as imagens reafirmavam sua posição política, pois deixavam nítido que nenhum dos regimes, nacional-socialismo e comunismo, serviam aos interesses do Brasil.



*Inteligência*, Ano II, nº 23, p. 70-71, Nov. 1936.

Entre 1935 e 1939, não somente as caricaturas da política internacional mas também o material textual selecionado por Mário Graciotti nas diversas revistas internacionais defendiam: o nacionalismo, o corporativismo e o fascismo além de criticar o maquinismo-tecnicismo, o capitalismo e o comunismo.

No que se refere a este último, os intelectuais responsáveis pela publicação de *Inteligência* não pouparam esforços para detratar suas consequências e ressonâncias na arena (inter)nacional.

A história da revolução russa foi reeditada no intuito de demonstrar aos leitores brasileiros os perigos dessa ideologia subversiva em meio a lutas que tornavam o cenário político brasileiro tão turbulento e incerto quanto aqueles que sacudiam a Europa.

Os personagens que fizeram a revolução reaparecem no mensário de Mário Gracioti algumas vezes lado a lado sem distinção das correntes diferentes às quais pertenciam e, sobretudo, sem a demonstração de que caminho apontavam para a Rússia naquele período histórico.

A seleção realizada pelos responsáveis por *Inteligência* reconfigurou a história da Revolução Russa e de seus personagens. O leitor, que deveria aprender a ler o mundo a partir da revista, longe de receber um panorama neutro ou equilibrado, tinha em mãos uma interpretação bem urdida e que – esperava-se – capaz de convencê-lo dos perigos oriundos do leste e, principalmente, da barbárie da qual Stalin assomava como grande orquestrador.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1966.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHURCHILL, Winston. *Memórias*. Barcelona: Los Libros de Nuestro Tiempo, 1949, 06 Vols.

DAHMS, Helmuth Günther. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Bruguera, 1968, 02 Vols.

DAVIES, Norman. *Europa na guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição*. São Paulo: Annablume, 2006.

FITZPATRICK, Sheila. *The Russian Revolution*. New York: Oxford University Press, 1994.

FRIEDRICH, Jorg. *O incêndio*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FRIEDRICH, Carl J. & BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Totalitarismo e autocracia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

GRACIOTTI, Mario. *O outro caminho da libertação*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os Deuses governam o mundo*. São Paulo: Nova Época Editorial, 1980.

\_\_\_\_\_. HILTON, Stanley. *Brazil and the soviet challenge 1917-1945*. Texas: University of Texas Press, 1991.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KHAUSTOV, Vladimir & SHEARER, David R. *Stalin and the Lubianka*. A documentary history of the political police and security organs in the Soviet Union, 1922-1953. London: Yale University Press, 2015.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994

LEWIN, Moshe. *O século soviético* São Paulo: Record, 2007.

LIDDELL HART, B. H. *History of the Second World War*. London: Papermac, 1992.

LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999.

MANN, Thomas. *Ouvintes alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

NEUMANN, Franz. *Behemoth*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

NOLTE, Ernst. *La crisis del sistema liberal y los movimientos fascistas*. Barcelona: Edicions 62, 1971.

\_\_\_\_\_. *Three faces of fascism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

\_\_\_\_\_. *La guerra civil europea*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

RAUSCHNING, Hermann. *La revolución del Nihilismo*. Buenos Aires: Losada, 1940.

RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos. 1917-1927*. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1985.

SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. São Paulo: Editora 34, 1999.

SHIRER, William. *A queda da França*. São Paulo: Record, s/d, 03 Vols.

\_\_\_\_\_. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 04 Vols.

SILVEIRA, Joel & NETO, Geneton Moraes. *Hitler/Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SKOCPOL, Theda. *States and social revolutions*. New York: Cambridge University Press, 1979.

SNYDER, Timothy. *Bloodlands*. New York: Basic Books, 2010.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963, 02 Vols.

TOYNBEE, Arnold. *La Europa de Hitler*. Barcelona: Editorial AHR, 1955, 02 Vols.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

## Fontes



BARBUSSE, Henri. Stalin – um mundo novo através de um homem, *Inteligência*, Ano I, nº 03, p. 20-22, mar. 1935.

FURNISS, Edgar S. A nova posição política da URSS, *Inteligência*, Ano I, nº 09, p. 31-34, set. 1935.

KERENSKY, Alexander. A URSS entre a ditadura e a democracia, *Inteligência*, Ano II, nº 13, p. 45-46, jan. 1936.

\_\_\_\_\_. O destino do stalinismo, *Inteligência*, Ano III, nº 33, p. 33-36, set. 1937.

SKRYLNYKOFF, B. O rumo atual da política russa, *Inteligência*, Ano I, nº 03, p. 23-25, mar. 1935.